



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

A interação entre o ensino de projeto de arquitetura e de urbanismo: algumas alternativas pedagógicas

*The interaction between architecture and urban design teaching:
some pedagogical alternatives*

*La interacción entre la enseñanza del proyecto de arquitectura y de urbanismo:
algunas alternativas pedagógicas*

PRADO, André Luiz

Doutor, Professor Adjunto da EA-UFMG, andreluizprado@ig.com.br

RESUMO

Este artigo discute alguns conflitos existentes entre os campos da arquitetura e do urbanismo, que compõe o campo da "arquitetura e urbanismo", tomado oficialmente no Brasil como campo de conhecimento no nível do ensino superior (Ministério da Educação) e no nível da atuação profissional (Conselho de Arquitetura e Urbanismo). Para isso, analisa especificamente a articulação entre o ensino de projeto de arquitetura e projeto de urbanismo, investigando alguns limites e potencialidades presentes em diferentes alternativas pedagógicas encontradas em algumas instituições de ensino superior. Discute, por fim, algumas implicações da hegemonia de algumas dessas alternativas sobre outras, na formação de "arquitetos e urbanistas" e na construção das cidades brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de projeto, edifício e cidade, arquitetura e urbanismo.

ABSTRACT

This article discusses some conflicts between the fields of architecture and urbanism, which makes up the field of "Architecture and Urbanism", taken officially in Brazil as a knowledge field on the level of higher education (Ministry of Education) and on the level of professional practice (Brazilian Council of Architecture and Urbanism). For this, it analyses specifically the relationship between the teaching of architectural design and urban design, investigating some limits and potentials present in different pedagogical alternatives found in some higher education institutions. It argues, finally, some implications of the hegemony of some of these alternatives on others, on the formation of "urbanist and architects" and the construction of Brazilian cities.

KEY-WORDS: Design teaching, building and city, architecture and urbanism.

RESUMEN

Este artículo discute algunos conflictos entre los campos de la arquitectura y del urbanismo, que constituyen el campo de la "Arquitectura y Urbanismo", tomado oficialmente en Brasil como campo de conocimiento en la educación superior (Ministerio de Educación) y en el nivel de la práctica profesional (Consejo de Arquitectura y Urbanismo de Brasil). Para esto, analiza específicamente la relación entre la enseñanza del proyecto arquitectónico y el proyecto urbanístico, y investiga ciertos límites y potencialidades presentes en diferentes alternativas pedagógicas que se encuentran en algunas instituciones de educación superior. Sostiene, por último, algunas de las implicaciones de la hegemonía de algunas de estas alternativas sobre otras, en la formación de "arquitectos and urbanistas" y la construcción de las ciudades brasileñas.

PALABRAS-CLAVE: *Design teaching, building and city, architecture and urbanism.*

1 INTRODUÇÃO

Um dos maiores desafios na área de ensino de arquitetura e urbanismo está relacionado ao seu próprio nome. O uso do termo “arquitetura e urbanismo” tornou-se tão corriqueiro que, como acontece com várias outras expressões repetidas à exaustão, acabou, exatamente pelo desgaste e pela banalização, deixando de evidenciar o caráter de duplicidade que lhe é inerente. A existência de um campo de conhecimento que propõe a aproximação de dois saberes distintos que ao longo da história nem sempre andaram juntos, e que em determinadas circunstâncias chegaram até mesmo a estar em lados opostos, sempre criou e continua a criar inúmeras dificuldades para professores e estudantes da área. Esse caráter duplo do campo sugere a primeira vista uma dimensão de convergência de saberes, mas na prática acaba criando alguns ruídos na academia e fora dela. Isso não significa que exista qualquer perspectiva de cisão do campo nos dias atuais, no nível da educação superior ou da prática profissional. Ao contrário, ele parece estar absolutamente consolidado em seu caráter duplo. O Ministério da Educação (MEC) define o campo da “arquitetura e urbanismo” como um campo de conhecimento único, parte das Ciências Sociais Aplicadas. Por outro lado, o recém-criado Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU)¹, reforça a unicidade do campo fora da academia, no âmbito da atuação profissional. No Brasil, o profissional que se forma em “arquitetura e urbanismo” é, oficialmente, um “arquiteto e urbanista”.

É fato conhecido que a longa trajetória de construção histórica do campo da “arquitetura e urbanismo” esteja marcada tanto por aproximações quanto por cisões. O presente artigo não pretende se debruçar sobre essa trajetória histórica de construção simbólica do campo, o que extrapolaria os seus limites. O mapeamento e a análise deste longo caminho já foram feitos por diversos outros autores, com muito mais propriedade, discutindo inclusive a relação entre essas convergências e divergências historicamente construídas e suas implicações nas conformações simbólicas que o campo carrega hoje. O presente artigo pretende discutir alguns limites e potencialidades que surgem com a aproximação e a articulação entre o ensino de projeto de arquitetura e o ensino de projeto de urbanismo a partir da análise algumas experiências didáticas encontradas em cinco diferentes cursos de arquitetura e urbanismo de Belo Horizonte nos últimos anos. Antes, porém, de entrar na discussão sobre essas cinco diferentes experiências, o artigo analisa

especificamente o modelo de ensino do curso de arquitetura e urbanismo da UFMG que vigorou por mais de duas décadas, do início dos anos de 1970 até a década de 1990. Esse modelo manteve-se relativamente inalterado, graças à manutenção de uma mesma estrutura curricular e de um mesmo perfil docente ao longo dessas duas décadas. Ele é trazido para a reflexão por ter influenciado diretamente a criação quase todos os outros cursos de arquitetura e urbanismo de Belo Horizonte, principalmente nos anos 1990 e início dos anos 2000. A partir deste ponto de partida, são discutidos os modelos atuais de cinco cursos em Belo Horizonte, especificamente em relação à forma como articulam o ensino de projeto de arquitetura com o de projeto de urbanismo: o curso diurno de arquitetura e urbanismo da EA-UFMG; o curso noturno de arquitetura e urbanismo da EA-UFMG criado pelo programa REUNI²; o curso da Universidade FUMEC; o curso da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS); o curso do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH). A discussão tentará mostrar até que ponto a estrutura dos ateliês de projeto de arquitetura e de urbanismo desses cursos se vinculava ao antigo modelo da EA-UFMG e em que ponto e em que medida os modelos tentaram avançar deixando para trás esse modelo.

2 O CURSO DA EA-UFMG: A MATRIZ LOCAL

O curso de arquitetura da UFMG foi o primeiro curso superior dedicado à formação de arquitetos na cidade de Belo Horizonte e começou a funcionar em 1930, muito antes da criação da própria Universidade Federal de Minas Gerais. Ele nasceu como o primeiro curso de arquitetura do Brasil desvinculado tanto das instituições de engenharia quanto das instituições de belas-artes e começou a funcionar graças ao esforço de diversos profissionais que atuavam em Belo Horizonte na elaboração de projetos de arquitetura, engenheiros em sua grande maioria³. A escola se integrou em 1944 à Universidade de Minas Gerais que era, então, uma instituição estadual, passando a funcionar no seu endereço atual, no bairro Funcionários. Em 1949, com a federalização da universidade, passou oficialmente a se chamar Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais⁴.

Em 1950 a Escola de Arquitetura começou a oferecer um Curso de Especialização em Urbanismo, voltado para arquitetos, engenheiros-arquitetos e engenheiros, como o objetivo de formar “especialistas na moderna ciência do urbanismo”⁵. O curso de urbanismo foi pioneiro do Brasil e atraiu a atenção de instituições na capital federal (Oliveira; Perpétuo, 2005). O pioneirismo do ensino de urbanismo da EA-UFMG estava no plano prático, já que o conceito do curso de especialização em urbanismo havia sido estabelecido legalmente alguns anos antes. Em 1945, no final do Estado Novo,

o ministro Gustavo Capanema apresentou ao Presidente Vargas uma proposta de reestruturação do ensino de arquitetura no país, mudando o nome da Escola Nacional de Arquitetura, que havia sido criada em 1937, para Faculdade Nacional de Arquitetura (FNA). A proposta, transformada em Decreto-Lei⁶ estabeleceu uma diretriz inovadora logo no seu segundo artigo: definiu a finalidade da FNA como sendo o *ensino da arquitetura e do urbanismo*. O seu artigo terceiro define ainda:

O curso de arquitetura, acessível aos portadores do certificado de licença clássica ou de licença científica, mediante a prestação de concurso vestibular, será de cinco anos; o curso de urbanismo, acessível aos portadores do diploma de arquiteto ou engenheiro civil, mediante a prestação de concurso vestibular, será de dois anos. (BRASIL, 1945, 1)

O decreto-lei instituiu oficialmente no país o termo “urbanista”, para designar o profissional formado no curso de urbanismo, diferente do “arquiteto”, formado no curso de arquitetura.

Durante seus primeiros vinte anos de funcionamento, o curso da EA-UFMG dedicou-se exclusivamente à formação de arquitetos. Porém, como o curso em seus primeiros anos contava com um corpo docente em sua absoluta maioria formada por engenheiros, e como a maioria das disciplinas tinha um foco mais técnico do que humanista, o título profissional concedido aos formandos era o de “engenheiro-arquiteto”. O curso de urbanismo da EA-UFMG continuou a funcionar ao longo das décadas de 1960, 1970 e 1980. Durante todo esse período, a instituição formou “engenheiros-arquitetos”, alguns dos quais se tornaram mais tarde também “especialistas em urbanismo”.

A estrutura curricular do curso de arquitetura da EA-UFMG atravessou décadas com poucas mudanças estruturais. Uma dessas alterações aconteceu no início dos anos de 1970. Até então o ensino de projeto de arquitetura acontecia nos ateliês chamados “composições de arquitetura”. Essas cadeiras eram divididas em “pequenas composições de arquitetura”, que os alunos faziam inicialmente, no início do curso e “grandes composições de arquitetura” para os alunos que já haviam adquirido maior maturidade no seu aprendizado. Esse era um modelo didático influenciado pela estrutura do curso da Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro. Neste curso, a presença dos ateliês de “composições de arquitetura” era um elemento importante dentro da sua concepção pedagógica, o que se manteve mesmo quando o curso migrou da ENBA para a Universidade do Brasil, em 1946 e transformou-se na Faculdade Nacional de Arquitetura⁷.

Na EA-UFMG, a partir do início dos anos de 1970 a estrutura curricular passou a abrigar oito disciplinas de projeto de arquitetura, que se distribuíam do quarto ao décimo semestre letivo. Eram chamadas de “Planejamento Arquitetônico” e numeradas de I a VII. Isso porque havia uma disciplina introdutória de projeto chamada “Metodologia do Planejamento Arquitetônico” e que era ministrada no terceiro semestre. Conhecidas informalmente entre os estudantes como “P1”, “P2”, “P3”, as disciplinas formavam a espinha dorsal do curso. Nos últimos semestres, havia duas disciplinas de projeto urbanístico, chamadas de “Planejamento Urbano e Regional I e II”. Havia ainda uma disciplina de introdução ao projeto urbanístico, chamada “Metodologia do Planejamento Urbano e Regional”. Conhecidas informalmente pelos estudantes como “Urbano I” e “Urbano II”, as disciplinas de urbanismo constituíam uma espécie de apêndice do curso de graduação, já que as discussões sobre diagnóstico urbano, análise urbana, desenho urbano, projetos de loteamentos, drenagem e saneamento urbanos apareciam somente nos últimos três semestres. Isso quer dizer que, apesar dessa mudança curricular ter tido o mérito de introduzir de maneira mais afirmativa o ensino de projeto urbanístico, ainda não foi capaz de dar a ele uma importância equivalente ao ensino de projeto de arquitetura. Esse modelo perdurou por quase trinta anos.

Não é difícil perceber nessa estrutura curricular, que prevaleceu na EA-UFMG a clara ênfase do ensino voltada para o projeto de arquitetura. A estrutura de ateliês de projeto de arquitetura, organizada de forma consecutiva e com um nível crescente de complexidade dos programas – uma herança do modelo das “pequenas composições” e “grandes composições” – criava a ideia de que todos os esforços de aprendizado deveriam ser de alguma forma canalizados para os ateliês de projeto. Os “P’s” se apresentavam claramente como uma espinha dorsal do curso, desde o seu início, ainda nos primeiros semestres, passando por todo o seu desenvolvimento de competências e habilidades básicas ao longo dos semestres intermediários e chegando até a conclusão do curso, no último período, com o “Planejamento Arquitetônico VII”, vulgo “P7”, que funcionava na época como um Trabalho de Conclusão de Curso⁸. Para o que interessa especialmente a presente discussão, é importante perceber que não havia nesse modelo nenhuma pretensão de articulação de ensino entre os ateliês de projeto de arquitetura e de urbanismo. Além da disparidade de carga horária entre eles, a estrutura administrativa da EA-UFMG, dividida em departamentos, sempre contribuiu para uma forte desarticulação do ensino não só entre projeto de arquitetura e de urbanismo, mas também em relação à tecnologia e à história e teoria. As questões tratadas nos ateliês de projeto de arquitetura e

de urbanismo não guardavam nenhuma relação entre si e cabia aos estudantes fazer (ou não) qualquer ponte nesse sentido.

Foi somente por meio de uma grande reformulação didática que aconteceu no início dos anos de 1990 na EA-UFMG que esse modelo foi suplantado. A partir daí foi extinto o título de “engenheiro-arquiteto”, substituído pelo de “arquiteto e urbanista” e foi introduzido na grade curricular um eixo vertical de ateliês de urbanismo, paralelo ao eixo de projeto de arquitetura. O ensino de urbanismo passou a ter uma carga horária mais equilibrada em relação ao ensino de arquitetura e começaram a ser aceitos trabalhos de graduação baseados em projetos urbanísticos. Porém o modelo anterior, caracterizado pela prevalência do ensino de projeto de arquitetura e pela sua completa desarticulação com o ensino de projeto de urbanismo exerceu uma influência local enorme, por sua incrível longevidade e também pelo momento histórico em que vigorou, imediatamente antes da multiplicação de cursos particulares de nível superior, o que aconteceu nos anos de 1990 e 2000 de maneira geral e também mais especificamente com os cursos de arquitetura e urbanismo em Belo Horizonte. A grande maioria dos professores que atuou e ainda atua nos demais cursos da cidade, formou-se na EA-UFMG e teve no modelo didático-pedagógico descrito anteriormente a sua referência de formação. Por isso mesmo, vários desses cursos, de alguma forma, emulam ou já emularam essa matriz, como se verá adiante, repetindo um ensino completamente desarticulado entre o projeto de arquitetura e de urbanismo.

3 ESPELHAMENTOS E EVOLUÇÕES

Serão apresentadas aqui cinco diferentes propostas que vigoram em cinco cursos de arquitetura e urbanismo de Belo Horizonte, especificamente no que diz respeito à articulação entre os ateliês de projeto de arquitetura e de urbanismo⁹. Os cinco cursos foram criados entre 1991 e 2009 e de alguma forma derivam da matriz da EA-UFMG. O que será discutido aqui é exatamente a relação entre como os cursos conseguem articular o ensino de arquitetura e urbanismo hoje e em que medida essa situação constitui ainda um mero espelhamento ou uma evolução do antigo modelo que constituiu a matriz local.

Primeiramente cumpre analisar o atual curso diurno de arquitetura e urbanismo da própria EA-UFMG. Este curso é descendente direto do curso de arquitetura tradicional dessa escola, antes discutido. Por isso mesmo, seria de se esperar que ele ainda guardasse uma relação forte com o



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

antigo modelo. Porém, não é o que acontece. Neste curso as disciplinas de projeto de arquitetura antes elencadas de forma consecutiva e com grau crescente de complexidade em ateliês de 90h/a, são agora ofertadas em módulos de 60h/a de forma duplamente flexível, tanto em relação às propostas temáticas elaboradas pelos professores em suas ofertas, que podem variar de um semestre para o outro, como em relação às escolhas dos alunos, que podem escolher com quais módulos irão cumprir os seus créditos, conforme o seu interesse pessoal e o seu percurso de formação. Esses módulos, ofertados pelo departamento de projetos, são chamados de “P-Flex” e são cursados principalmente pelos estudantes entre o terceiro e o sexto semestre letivo. Os temas dos módulos de “P-Flex” variam muito de um semestre para o outro¹⁰ e de alguma forma constituíram um avanço importante no ensino de projeto de arquitetura, permitindo aos alunos delinear certos caminhos de formação. Ao mesmo tempo, desmancharam a ideia de um ensino de projeto baseado na ideia de um crescimento gradativo de complexidade programática. No entanto, as disciplinas de urbanismo não seguiram a mesma lógica e permanecem amarradas em uma estrutura rígida em que uma disciplina é sempre pré-requisito para a seguinte. As disciplinas ofertadas pelo departamento de urbanismo acontecem no primeiro semestre (Introdução ao Urbanismo), no terceiro (Urbanismo I), no quarto (Urbanismo II), no quinto (Projeto Urbano), no sexto (Planejamento Urbano), no sétimo (Paisagem e Ambiente) e no nono (Projeto Paisagístico)¹¹. Não há nenhuma articulação entre os “P-Flex” e as disciplinas do departamento de urbanismo.

Apesar dessa separação radical entre o ensino de projeto de arquitetura e de urbanismo no curso diurno da EA-UFMG, no sétimo semestre letivo há uma disciplina do departamento de projetos “não-flexível”, chamada “Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo” (PIAU), com 120 h/a. Essa disciplina é descendente de uma experiência didática que teve início nos anos de 1990, com a reformulação didático-pedagógica ocorrida na instituição. Naquela época, surgiram duas disciplinas chamadas de “Projeto Integrado de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo” (PIAUP), I e II, que substituíram respectivamente duas disciplinas de projeto, o “Planejamento Arquitetônico” V e VI. A ideia era criar um ateliê integrado de arquitetura e urbanismo, com maior carga horária e com um professor de cada departamento, projeto e urbanismo, trabalhando temas de maior complexidade e que envolviam tanto discussões de projeto de arquitetura em termos funcionais, construtivos e plásticos, como também em torno de diagnósticos e análises urbanas e projetos urbanísticos. A proposta foi um avanço importantíssimo no sentido da articulação entre as discussões sobre os projetos de edifícios e o contexto urbano onde eles se inserem. Na prática, a experiência enfrentou algumas dificuldades,

menos pelo formato proposto de “ateliê integrado” e mais pelas limitações impostas pela divisão da estrutura administrativa em departamentos. Tanto os sucessos quanto os insucessos das diversas versões do “PIAUP” e do seu descendente “PIAU” dependeram sempre da relação que se estabeleceu entre os professores do departamento de projetos e do departamento de urbanismo no sentido da convergência ou da divergência. Em algumas edições, quando houve algum ruído entre os professores, as turmas foram divididas e uma parte desenvolveu somente o projeto de arquitetura e a outra somente o projeto de urbanismo. Apesar disso, o “PIAU” tem conseguido se manter na estrutura do curso diurno mesmo com objetivos bastante ambiciosos em relação à integração de conteúdos, como pode ser visto na ementa atual da disciplina:

Desenvolvimento de habilidades e competências para conceber projetos integrados de edificações complexas, de desenho urbano e de paisagismo de espaços livres, envolvendo problemas de requalificação de áreas urbanas degradadas, de mobilidade urbana e de intervenções de alto impacto ambiental. Capacidade de problematizar situações por meio da análise crítica dos aspectos sociais, econômicos, ambientais, técnicos, legais e do espectro de necessidades, aspirações e expectativas individuais e coletivas relativos à produção e ao uso do espaço. Proposição e representação do projeto para a realização da construção. (COL. DE ARQUITETURA E URBANISMO, 2015a)

O “PIAU” encarna hoje uma dupla contradição dentro da estrutura do curso diurno de arquitetura e urbanismo da EA-UFMG: ao mesmo tempo permanece como uma disciplina rígida, fixa no sétimo semestre, em meio à flexibilização do aprendizado de projeto de arquitetura, mas por outro lado constitui a única articulação entre o ensino de projeto de arquitetura e urbanismo e gerando uma convergência de saberes que é estranha em meio a um panorama de radical pulverização de conteúdos didáticos.

O curso noturno da EA-UFMG, criado em 2009 com o REUNI, tem uma estrutura radicalmente flexível. Após o primeiro semestre com três disciplinas obrigatórias, o estudante pode escolher qualquer disciplina e criar o seu próprio caminho de formação até o trabalho de conclusão de curso, desde que cumprindo créditos mínimos nos diferentes campos de conhecimento. São ofertadas três disciplinas de projeto, chamadas “Oficina Integrada de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo” (OFIAUP), hoje a cargo do departamento de projetos: “Problemas de parcelamento do solo e assentamentos habitacionais”, “Problemas de requalificação de áreas e edificações urbanas” e “Problemas de requalificação e urbanização de assentamentos precários”. Elas são obrigatórias, mas o estudante pode escolher quando vai fazê-las e em que ordem, ou seja, não há uma ordem crescente de complexidade programática que deva orientar um caminho a ser percorrido pelos estudantes. As “OFIAUP’s” são descendentes diretas da experiência do curso diurno com o “PIAUP” e

com o “PIAU”. Porém, em virtude das dificuldades de implantação do curso noturno com relação à realização de concursos para a contratação de docentes, a participação de professores do departamento de urbanismo nas disciplinas foi muito pequena e só aconteceu nos primeiros semestres do curso quando ainda havia pouca oferta de disciplinas¹². Cabe hoje aos professores do departamento de projetos, cuidar, sozinhos, de uma disciplina de 120 h/a, que trabalha com exercícios de projeto que vão desde o diagnóstico e análise urbana até o detalhamento construtivo de arquitetura. Pode-se afirmar que a articulação entre o ensino de projeto de arquitetura e urbanismo acontece de forma efetiva dentro das “OFIAUP’s”, mas em um ambiente com relativamente pouca diversidade reflexiva, já que é conduzida por um só professor.

O curso de arquitetura e urbanismo da FUMEC é um descendente direto do curso tradicional de arquitetura da EA-UFMG que vigorou até o início dos anos de 1990. Isso porque ele ofertava até o ano de 2014, disciplinas de projeto de arquitetura a partir do quarto semestre, com o nome de “Projeto de Arquitetura” I, II, III, consecutivas e de crescente grau de complexidade programática. A última delas, o “Projeto de arquitetura VI” acontecia no nono semestre. Havia ainda, assim como no curso tradicional da EA-UFMG, duas disciplinas de projeto de urbanismo nos últimos semestres do curso, chamadas de “Projeto de Urbanismo” I e II. Isso quer dizer que a estrutura curricular do curso da FUMEC nasceu como um espelhamento direto do curso matriz, mesmo apesar de ter começado a funcionar em 2000, alguns anos após esse modelo ter sido extinto na própria EA-UFMG. Como acontecia no curso tradicional da EA-UFMG, não havia no curso da FUMEC nenhuma articulação de conteúdos entre as disciplinas de projeto de arquitetura e de urbanismo. Em 2014 o curso passou por uma reformulação curricular que substituiu os “Projetos de arquitetura” IV, V e VI por disciplinas chamadas de “Projeto integrado de arquitetura, urbanismo e paisagismo” I, II e III, respectivamente (FUMEC, 2015). Essa modificação mais uma vez opera pelo espelhamento do curso da EA-UFMG, só que com quase vinte anos de atraso, já que lá a experiência com o “PIAUP” havia começado no final dos anos de 1990. Como houve pouco tempo desde a implantação destas mudanças, o curso ainda não conseguiu avançar de forma significativa na articulação entre projeto de arquitetura e de urbanismo e permanece carregando o peso de ter ficado tanto tempo com uma estrutura que separava radicalmente esses conteúdos.

O curso de arquitetura e urbanismo da PUC-MINAS começou a funcionar em 1992 e nos seus primeiros anos também tinha uma estrutura curricular que constituía um espelhamento do curso tradicional da EA-UFMG com os “Projetos de arquitetura” I, II, III, de um lado e os “Projetos de

Urbanismo” do outro. Porém uma radical mudança na estrutura curricular do curso aconteceu a partir de 2009, apagando completamente esse espelhamento. Essa mudança, exaustivamente discutida ao longo de muitos semestres, criou alguma possibilidade de flexibilidade em relação às disciplinas de projeto de arquitetura, ainda que bastante limitada, dentro de ciclos distintos de aprendizado. A flexibilidade se restringe à definição da ordem em que as disciplinas serão feitas e não propriamente à escolha de quais serão feitas. Na atual estrutura curricular do curso da PUC-MINAS não há uma articulação entre os estúdios de projeto de arquitetura e de urbanismo, já que elas estão colocadas de forma isolada umas das outras (PUC-MINAS, 2015). Algumas disciplinas isoladamente tentam discutir essa articulação, como o “Projeto I” ofertado no primeiro semestre, que inclui na sua ementa a discussão sobre as “interfaces entre urbanismo, arquitetura e arte”. Porém, como se trata de uma disciplina do primeiro semestre, há pouca expectativa de que ela consiga articular o ensino de projeto de arquitetura e de urbanismo.

4 O POTENCIAL DE UMA ALTERNATIVA RADICALMENTE ARTICULADORA

Por fim, cumpre analisar brevemente algumas potencialidades encontradas em experimentos didáticos de aproximação entre os ateliês de projeto de arquitetura e de urbanismo realizados no curso do Centro Universitário de Belo Horizonte – UNIBH, ao longo dos últimos dois anos, os quais diferem radicalmente das experiências descritas anteriormente. Em meio à onda de flexibilização curricular que invadiu os cursos de arquitetura e urbanismo de Belo Horizonte (três dos quatro analisados até aqui caminharam nessa direção), o curso de arquitetura e urbanismo do UNIBH andou no sentido contrário. Implantado em 2002, o curso funcionou até 2009 com uma estrutura curricular que era um espelhamento perfeito do curso tradicional da EA-UFMG. A partir de uma radical mudança institucional, pedagógica e docente, que aconteceu ao longo do ano de 2008, o curso passou a operar em módulos horizontais semestrais, nos quais todas as disciplinas deveriam estar obrigatoriamente articuladas de alguma maneira¹³.

O curso teve que ser totalmente reformulado para se adaptar a esse pressuposto e em alguns módulos semestrais, principalmente no início do curso, nem sempre uma articulação radical de conteúdos pôde ser estabelecida. Porém, do quinto até o nono semestre, no agrupamento que foi chamado de “ciclo de formação profissional” foram criados módulos horizontais cujo tema central sempre buscava articular, já de saída, os conteúdos trabalhados nos estúdios de arquitetura (EA’s), nos estúdios de urbanismo (EU’s) e nas disciplinas de sistemas estruturais e construtivos (SEC’s). No



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

quinto semestre é ofertado o módulo “Habitação social e planejamento local” que trabalha com projetos de assentamentos habitacionais no EA, o planejamento e o projeto urbano na escala do bairro no EU e a alvenaria estrutural, lajes e fundações para pequenas construções no SEC. No sexto semestre é ofertado o módulo “O edifício vertical e a paisagem urbana” que trabalha com projetos de edifícios de múltiplos andares no EA, a construção da paisagem urbana no EU e o concreto moldado *in loco* e outros sistemas para edifícios verticais no SEC. No sétimo semestre é ofertado um módulo chamado “O edifício institucional e as áreas urbanas consolidadas” quando são discutidos projetos arquitetônicos de maior escala no EA, impactos urbanos e ambientais no EU e os sistemas de pré-fabricados de concreto no SEC. No oitavo semestre os alunos cursam o módulo “Infraestrutura urbana em áreas informais” que discute o edifício como uma infraestrutura urbana no EA, áreas urbanas precárias no EU e sistemas estruturais para grandes vãos no SEC. No nono semestre é ofertado o módulo que discute o edifício a partir das premissas das sustentabilidade ambiental no EA, o planejamento urbano e regional do EU e as estruturas metálicas e os sistemas construtivos industrializados e a seco no SEC. Em todos os casos, como pode ser notado, há uma clara ideia de integração e articulação já na definição dos objetos de estudo e do viés por meio do qual eles serão estudados. Cada um desses módulos funciona na prática como um grande ateliê, em que o estudante trabalha ao longo do semestre um grande exercício de projeto de arquitetura e urbanismo, desenvolvido separadamente em cada um dos ateliês de arquitetura, urbanismo e sistemas estruturais e construtivos, cada um com o seu enfoque e com as suas próprias reflexões. Dessa forma, tem sido possível trabalhar de forma muito articulada, o projeto de urbanismo e o projeto de arquitetura de um lado e o projeto de arquitetura e o aprofundamento construtivo e estrutural do outro. As áreas urbanas estudadas, diagnosticadas, analisadas e onde são propostas intervenções urbanas nos EU's são as mesmas áreas onde são propostos os edifícios nos EA's que por sua vez utilizam os mesmos sistemas estruturais e construtivos discutidos nos SEC's. Cria-se, portanto, uma fecunda reflexão em todos os semestres na interface entre as discussões em torno da cidade e em torno do edifício.

O modelo tem sido aprimorado, com a ajuda de todos os professores envolvidos, desde que foi implantado em 2009. Ele tem, é claro, alguns problemas. Um deles está no fato de que os alunos irregulares passam a enfrentar maiores dificuldades quando cursam um estúdio isoladamente, já que ficam sem o suporte dos demais como acontece com os estudantes regulares. Outra questão que gera inúmeros pequenos ruídos está no simples fato de serem colocados vários professores de

projeto de arquitetura e de urbanismo para trabalhar sobre um mesmo objeto. Não é difícil imaginar que surgem inúmeras divergências nas experiências cotidianas dos ateliês, uma vez que algumas questões dos projetos são às vezes abordadas de formas antagônicas no ateliê de arquitetura e no ateliê de urbanismo. A integração e a convergência do corpo docente, que no caso do UNIBH abraçou completamente a proposta, têm sido elementos importantíssimos no sentido da superação dessas dificuldades a tal ponto que tem se usado cada vez mais o termo “equipe” para definir o grupo de professores de cada módulo.

Dentre os cursos apresentados, o modelo de ensino de projeto de arquitetura e urbanismo do curso do UNIBH é a proposta mais radical no sentido da articulação entre esses dois saberes e, se continuar a se desenvolver como aconteceu nos últimos cinco anos, pode apontar uma importante direção para a formação de arquitetos e urbanistas que seja de fato “arquitetos E urbanistas” e não “arquitetos OU urbanistas”.

5 CONCLUSÕES

A análise de vários cursos de arquitetura e urbanismo já consolidados em Belo Horizonte mostra que existe hoje uma enorme desarticulação entre o ensino de projeto de arquitetura e de projeto de urbanismo. Várias questões contribuem para essa desarticulação, entre elas, principalmente, as estruturas curriculares desses cursos que apresentam esses saberes de forma isolada como acontecia na estrutura curricular tradicional da EA-UFMG que vigorou até o final dos anos de 1980. Um importante avanço no sentido da convergência entre o ensino de arquitetura e de urbanismo aconteceu a partir das experiências com as disciplinas integradas e arquitetura, urbanismo e paisagismo (PIAUP, PIAU, OFIAUP), iniciadas na EA-UFMG nos anos de 1990 e que depois se desenvolveram dentro e fora da instituição.

De todos os cursos analisados, o curso de arquitetura e urbanismo do UNIBH é o que apresenta um caminho mais radical no sentido da articulação dos conhecimentos de arquitetura e urbanismo. O modelo tem contribuído para superar as barreiras que perduram até hoje na relação entre o ensino de projeto de arquitetura e de urbanismo, no sentido tanto do pensamento sobre o edifício que não deixa de refletir sobre a cidade, bem como no pensamento sobre a cidade que considera o edifício como seu constituinte. Isso tem gerado reflexos inclusive no trabalho de conclusão de curso, que a partir de 2014 começou a direcionar as escolhas dos temas dos estudantes exatamente para as reflexões capazes de discutir tanto o edifício como a cidade. Nos demais cursos, não por acaso, ainda



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

prevalece a ideia de que os estudantes concluintes devem escolher entre um projeto de arquitetura ou um projeto de urbanismo como trabalho de conclusão de curso. Tal procedimento parece apontar quase para uma escolha profissional, como se o estudante estivesse fazendo uma opção entre ser arquiteto *ou* urbanista. Caminhos alternativos como os que foram discutidos aqui talvez possam contribuir para a formação de mais “arquitetos e urbanistas”, profissionais capazes de atuar na escala do edifício e na escala da cidade com a mesma desenvoltura, contribuindo para a construção de um campo mais integrado e para uma aproximação entre as reflexões sobre o edifício e a cidade tornados indissociáveis, como parte e todo de uma mesma realidade.

6 REFERÊNCIAS

BRASIL, Congresso Nacional: Decreto-Lei 7.918, de 31 de agosto de 1945. Dispõe sobre a organização da Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-7918-31-agosto-1945-417265-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acessado em 10 de maio de 2015.

BRASIL, Presidência da República: Decreto-Lei 9.724 de 3 de setembro de 1946. Transfere cadeiras do extinto Curso de Arquitetura da Escola Nacional de Belas Artes para a Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/De19726.htm> Acessado em 10 de maio de 2015.

COLEGIADO DE ARQUITETURA E URBANISMO. Curso Diurno, 2015 (a). Disponível em <<https://www2.ufmg.br/arquitetura/arquitetura/Colegiado-Home/Curso-Diurno>>, acessado em 05 de maio de 2015.

_____. Curso Noturno, 2015 (b). Disponível em <<https://www2.ufmg.br/arquitetura/arquitetura/Colegiado-Home/Curso-Noturno>>, acessado em 05 de maio de 2015.

ESCOLA DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, sítio oficial. Disponível em <http://www.arq.ufmg.br/site/?page_id=10 >, acessado em 15 de maio de 2015.

FUMEC, Estrutura Curricular do curso de Arquitetura e Urbanismo, 2015. Disponível em <http://www.fumec.br/files/2013/9765/6282/Arquitetura_e_Urbanismo.pdf>, acessado em 15 de maio de 2015.

OLIVEIRA, C.A.P, PERPÉTUO, M.O. Setenta e cinco anos da primeira escola de arquitetura do Brasil. 6ª. *Seminário DOCOMOMO Brasil*, Niterói, 2005. Disponível em <<http://www.docomomo.org.br/seminario%206%20pdfs/Cleo%20Alves%20Pinto%20de%20Oliveira.pdf>> , acessado em 12 de maio de 2015.

PUC-MINAS, Estrutura Curricular do curso de Arquitetura e Urbanismo, 2015. Disponível em <http://www.pucminas.br/ensino/graduacao/graduacao_cursos.php?&pagina=17&curso=29&mostra=disciplina_s&PHPSESSID=6570da5342d458cb1d465b35391f2980>, acessado em 15 de maio de 2015.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

NOTAS

¹ O Conselho de Arquitetura e Urbanismo foi criado oficialmente em dezembro de 2010, a partir de um projeto de lei que já vinha sendo discutido no congresso nacional há pelo menos três anos.

² O Programa REUNI, criado pelo governo federal, foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, e é uma das ações que integraram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE). O curso de arquitetura e urbanismo noturno foi criado em 2008 e começou a funcionar no primeiro semestre de 2009, como vários outros cursos criados pelo programa REUNI na UFMG.

³ O arquiteto Luiz Signorelli, formado na Escola Nacional de Belas Artes é uma das exceções e foi o primeiro diretor da Escola de Arquitetura.

⁴ Informações disponíveis no sítio eletrônico da instituição (ESCOLA DE ARQUITETURA, 2015).

⁵ Cf. Oliveira; Perpétuo, 2005.

⁶ Cf. BRASIL, 1945.

⁷ O Decreto-Lei 9.726 de 1946, assinado pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, regulamentou essa mudança, dando nome a cada uma das novas cadeiras criadas. A cadeira "Pequenas Composições de Arquitetura" passou a se chamar "Composições de Arquitetura" (BRASIL, 1946).

⁸ Os projetos a serem desenvolvidos no "Planejamento Arquitetônico VII" podiam ser definidos pelos próprios estudantes, como acontece hoje com os TC's. Porém os orientadores deveriam ser os professores da disciplina. Além disso, não se aceitavam projetos urbanísticos. Qualquer escolha nesse sentido era desestimulada pelos professores.

⁹ A definição dos cinco cursos trazidos para a presente discussão partiu da minha própria experiência docente. Como já atuei recentemente ou ainda atuo como professor em todos os cinco cursos, conheci de perto tanto as suas estruturas curriculares e as discussões em torno de recentes mudanças nessas estruturas, como também vivenciei a experiência de estar em sala de aula em todos eles, lidando com as dificuldades em torno da formação na área de projeto de arquitetura e de urbanismo.

¹⁰ A variação no temas ofertados nos "P-Flex" acontece em função dos próprios professores efetivos do quadro da EA-UFMG, que passaram a ter maior liberdade para mudar suas propostas em função das pesquisas que desenvolvem paralelamente à atividade de ensino, mas também em função da rotatividade que acontece entre professores substitutos, o que acaba trazendo sempre novos temas para a oferta das disciplinas.

¹¹ Somente as três últimas disciplinas não têm pré-requisitos.

¹² Isso aconteceu entre 2009 e 2011. Depois disso, em virtude dos compromissos assumidos com disciplinas do departamento de urbanismo, os seus professores não puderam mais participar das OFIAUPs.

¹³ Essa questão foi colocada para todos os cursos como um pressuposto institucional do novo grupo gestor e, apesar das justificativas pedagógicas bastante pertinentes para a promoção de uma radical integração horizontal, estava alicerçada em questões econômicas e administrativas.